

Da loucura à desrazão

Peter Pál Pelbart

O surgimento da própria loucura enquanto fato social já teria representado o encobrimento de uma forma de alteridade mais extrema e irreduzível — a Desrazão.

Este texto constitui a apresentação resumida de uma reflexão acerca da loucura, mas sob uma ótica específica — a da filosofia. Trata-se portanto de um ensaio de *filosofia sobre loucura*.

Reconheço que esse acoplamento insólito entre dois domínios tão antitéticos pode causar estranheza, e por si só já levanta uma infinidade de problemas, como por exemplo: será que uma disciplina como a filosofia, que por tradição cultiva o exercício da razão e do conceito, tem condições de se debruçar sobre aquilo que por definição é justamente a ruína da razão e da coerência? Problema interessante, que certamente daria lugar a outros tantos ensaios volumosos — mas não é essa a minha questão. Se há lugar para estranheza — e reconheço que há —, ela não se deve ao fato de que uma reflexão sobre a loucura se desenvolva no campo da filosofia, mas ao fato de que isso possa soar como uma extravagância.

A estranheza, a meu ver, deveria recair sobre a constatação quase absurda de que uma disciplina como a filosofia, que na sua onipotência ilimitada ou-

Peter Pál Pelbart — filósofo de formação, trabalha como terapeuta de grupo de psicóticos no Hospital "A Casa" e é professor de Filosofia na PUC-SP.

(*) Este trabalho foi apresentado ao Departamento de Filosofia da PUC-SP em fins de 1988, por ocasião da defesa da tese intitulada *Da clausura do Fora ao Fora da clausura: Ensaio sobre Loucura e Desrazão*, sob a orientação de Jeanne Marie Gagnebin e com a presença de Jurandir Freire Costa e Laymert Garcia dos Santos na banca examinadora.

A publicação da tese pela Editora Brasiliense está prevista para agosto deste ano.

sou refletir e legislar ao longo da história sobre os domínios mais diversos e limítrofes, desde a natureza do desejo até o sentido da morte, tenha guardado um silêncio longuíssimo e tão espantoso a respeito da loucura. E já que estamos também entre psicanalistas, é preciso dizer que o esquecimento bimilenar da filosofia acerca da loucura é mais do que um acidente — é uma escolha. Não uma escolha inequívoca, límpida e sempre bem-sucedida. O não-dito da filosofia sobre a loucura não obedeceu sempre às mesmas regras, não evitou sempre os mesmos perigos e não teve sempre o mesmo sentido. Até porque a própria noção de loucura não é um invariante histórico. O que surpreende, porém, e é isso que deveria causar estranheza, é que essa omissão tão persistente e obstinada tenha sido problematizada tão poucas vezes ao longo da história. Tudo se passa como se esse silêncio não fosse só um esquecimento, nem mesmo um esquecimento deliberado, mas a própria condição do pensamento.

Posso adiantar que meu trabalho vai no sentido oposto a esse. Mas não nos precipitemos. Para concluir sobre esse ponto, eu diria que se a evitação da filosofia acerca do devir representou de algum modo uma dificuldade no curso desse estudo, ela também foi, pelo seu caráter intrigante e problemático, um de seus disparadores.

O outro disparador desse trabalho situa-se fora do campo da filosofia, e não diz respeito, como no primeiro caso, ao que estaria por detrás de um silêncio, mas pelo contrário, de um excesso e que chamarei, por comodidade, de saturação discursiva e extradiscursiva acerca da loucura. Tomemos, a título de exemplo, os últimos 40 anos, para ficarmos apenas no pós-guerra.

A psicanálise, a antipsiquiatria, a etnopsiquiatria, a sociologia das doenças mentais, a análise institucional, estudos históricos, avanços

da psicofarmacologia, multiplicação das estratégias clínicas, enfim, a lista é longa e bastante conhecida. No plano prático o que parece estar resultando disso tudo é uma tendência mista, mais implementada em alguns países, menos em outros, com os costumeiros avanços e retrocessos políticos, e diferentemente dosada segundo as circunstâncias, no sentido da desativação dos manicômios em favor de um atendimento mais socializado e descentralizado, uma medicalização mais modulada e uma terapêutica ao mesmo tempo mais abrangente e profunda.

cura, para tornar-se mais e mais uma variável no interior de uma equação, seja ela de natureza social, familiar ou mesmo subjetiva. É como se estivéssemos nos aproximando da utopia asséptica prevista por Michel Foucault há mais de 20 anos atrás, a respeito de um tempo em que a doença mental seria perfeitamente administrada e controlada, ao passo que, em contrapartida, estaria se desvanecendo de nossa cultura o rosto estranho da loucura.

Ao profetizar o desaparecimento iminente da loucura, Foucault sabia estar se contrapondo a uma

Entre psicanalistas, o esquecimento bimilenar da filosofia acerca da loucura é mais do que um acidente — é uma escolha. Surpreende que essa omissão tenha sido problematizada tão poucas vezes ao longo da história.

Esse quadro verossímil e sob muitos aspectos alentador (no Brasil ainda estamos muito longe disso, obviamente) é um indício inequívoco de que a loucura, no fundo, está deixando de ser uma *questão* para tornar-se um *problema*. Isto é, ao entrar num espaço cada vez mais tecnificado e gerível, de todos os pontos de vista, desde o sócio-político até o intrapsíquico, passando pelo institucional, medicamentoso e outros, aquilo que comumente chamamos de doença mental vai pouco a pouco se desfazendo da aura lírica e inquietante que antes a envolvia, e que nós ainda conhecemos pelo nome de lou-

crença generalizada em nossos dias, segundo a qual é a doença mental que estaria se eclipsando, já que ela está sendo cada vez mais contida e esvaziada, ao passo que todos nós, os “sãos”, passamos a reconhecer em nós mesmos nossa sombra de loucura. Ainda segundo essa ótica, a loucura finalmente estaria sendo assumida como patrimônio universal do psiquismo humano, numa época em que as patologias mais desviantes estariam sendo pouco a pouco neutralizadas.

Afinal, não é verdade que nós consideramos ineliminável “a relação do homem a seus fantasmas, a seu impossível, à sua dor sem cor-

po, à sua carcaça de noite”, como diz Foucault, ou seja, que nós consideramos irreduzível nosso núcleo de loucura? E não é verdade também, por outro lado, que as salas de agitados dos hospitais psiquiátricos se parecem cada vez mais com “mornos aquários”? Será que não deveríamos concluir dessas duas observações de Foucault que a loucura já não pertence apenas aos loucos, mas a todos, e que a doença mental, por sua vez, está sumindo, assim como outrora sumiu a lepra ou a tuberculose? Por que então sustentar o contrário, como o faz Foucault, que é a loucura que esta-

nhamento, ou do insuportável, terá adquirido a serenidade do positivo. E o que para nós designa atualmente este exterior corre o risco um dia de nos designar a nós. Restará somente o enigma dessa Exterioridade”.

Se até agora a loucura era para o homem essa Exterioridade enigmática, que ele excluía mas na qual ele se reconhecia, que espelhava para ele tudo aquilo que ele mais abominava mas também tudo aquilo que ele era na sua constituição mais original, o seu Outro mas também o seu Mesmo, agora, diz Foucault, nesse futuro que se avizinha, a lou-

tida efetivo para esse meu trabalho. Trata-se da hipótese de que o surgimento da própria loucura enquanto fato social, objeto de exclusão, de internamento e de intervenção, já teria representado o encobrimento e o desvanecimento de uma forma de alteridade todavia mais extrema e irreduzível — a Desrazão.

A Desrazão, entenda-se, não era essa Exterior confinado a um personagem social recluso, como o foi a loucura a partir da Idade Clássica, mas simplesmente o Exterior, isto é, o exterior ao homem, e isto sob as mais diversas formas que a história lhe emprestou, seja como Caos do Mundo, Aventura da Linguagem, Estranheza da Natureza, Transcendência do Divino, Fúria da Morte, Sagrado dos Elementos, Bestialidade do Humano etc. Essas são algumas das diferentes maneiras através das quais o homem se relacionou, ao longo da história, com aquilo que não era ele, num vaivém que para nós parece hoje quase impensável. É que a modernidade, tornando tudo familiar, aprendeu a domesticar o Estranho, seja sob o modo da tutela clínica, da dominação técnica ou da oposição antitética.

Pois bem, é sobre esse Exterior com o qual uma cultura às vezes mantém um trânsito, e que o personagem do louco evoca mas também confina, que versa esse meu trabalho. A esse Exterior, em outro contexto, o ensaísta francês Maurice Blanchot deu o nome de *o Fora*. Foucault retomou esse termo e forjou a expressão de *o Pensamento do Fora*, para designar toda uma linhagem de pensadores que preservaram a muito custo — em geral às custas da própria sanidade — no seio da linguagem, da poesia, da filosofia e da arte, uma relação com esse Exterior.

O que eu pretendi, então, foi trabalhar sobre a diferença sugerida por Foucault entre Desrazão e Loucura, tomando por base esse conceito de Fora, que Foucault foi buscar em Blanchot e que, depois da mor-

A análise de Foucault é categórica.

Por baixo disso tudo, diz ele,
o que está mudando fundamentalmente
é a relação que nossa cultura
mantém com aquilo que ela exclui.

ria se retirando de nossa paisagem cultural, em favor da exclusividade da doença mental?

A análise de Foucault é categórica. Por baixo disso tudo, diz ele, o que está mudando fundamentalmente é a relação que nossa cultura mantém com aquilo que ela exclui. O que está mudando é a relação com a alteridade que a loucura antes evocava e encarnava. O que está mudando, no fundo, é a relação do homem com sua alteridade. Ao referir-se a esse futuro próximo em que a alteridade da loucura terá empalidecido, Foucault escreve: “Tudo o que nós experimentamos sob o modo do limite, ou do estra-

cura deixará de ser esse estranho essa Exterioridade, essa *questão*, para incorporar-se ao humano como o seu próprio mais originário. Processo ao qual demos o nome, irônico talvez, de “humanização” da loucura. Através dele e de sua dialética infernal teremos conseguido o impossível: abocanhar nosso próprio Exterior. Tese polêmica, problemática, e sob certos aspectos até suspeita, reconheço. No entanto, não mais intrigante do que aquela outra tese que a precede, também formulada por Foucault, ainda mais radical e enigmática, difícil de ser pensada e que me interessa expor aqui porque serviu de ponto de par-

te de Foucault, Gilles Deleuze ampliou e enriqueceu. Tentei, portanto, fazer um rastreamento de algumas formas que a cultura contemporânea oferece para se relacionar com esse Exterior, com esse Fora, e que são bem diferentes daquelas que em outros tempos levaram o nome de *mania*, *insensatez*, *desatino* ou muitos outros. E constatei que nos domínios mais diversos, e através dos personagens mais varia-

sultado desse esforço, diria o seguinte. O Pensamento do Fora é aquele que se expõe às forças do Fora, mas que mantém com ele uma relação de vaivém, de troca, de trânsito, de aventura. É o pensamento que não burocratiza o Acaso com cálculos de probabilidade, que faz da Ruína uma linha de fuga micropolítica, que transforma a Força em intensidade e que não recorta o Desconhecido com o bisturi da ra-

lientei, da Loucura? Não há na loucura também, como na desrazão, a ruína do Ser, da Identidade, do Sujeito, da Memória, da História, e da Obra? E muitas outras semelhanças? Para trabalhar a diferença, ao mesmo tempo tênue e abissal, entre loucura e desrazão, já não me bastaram as indicações contidas nos textos de Foucault, nem o recurso a suas fontes de inspiração alinhadas no vetor-desrazão de sua obra. Foi preciso ler Foucault com os olhos de Deleuze, aceitar a ampliação da noção de Fora proposta por ele, assimilar a maquinária histórica foucaultiana tal como ele, Deleuze, a reconstituiu, e assim situar a problemática da loucura, referindo-a ao plano tríplice do Saber, do Poder e da Subjetividade, e entendendo-os na perspectiva do Fora.

Não posso, com o espaço de que disponho aqui, discorrer sobre essa construção complexa. Só posso adiantar, de forma sumária e esquemática, que seria possível pensar a loucura como exposição total e sem mediação da zona de subjetivação ao Fora. Para Deleuze, a característica maior desse Fora é a de consistir no Jogo de Forças, do Acaso e do Indeterminado, ao qual temos acesso sempre historicamente, isto é, segundo estratificações de Saber, diagramas de Poder e modalidades de subjetivação determinadas.

Na loucura, o sujeito ficaria exposto sem proteção alguma à violência desse Fora, e sem condições de estabelecer com ele um vaivém ou uma relação. Abertura máxima ao Fora, e ao mesmo tempo extravio no temporal abstrato, que é sua marca. Paradoxo quase impensável: no momento mesmo em que a abertura a esse Fora é a mais absoluta das entregas, como na loucura, numa estranha reversão o Fora desaba num Dentro total, e dá-se o que chamei, no rastro de Blanchot, de a Clausura do Fora. O paradoxo está em que o louco, dissoluto no Fora, é aquele que se enclausura nele, enclausurando-o. Preso no Fora,

O pensamento do Fora seria aquela experiência que se dá sob o signo do Acaso, da Ruína, da Força ou do Desconhecido e, que sob esse aspecto, se situa numa vizinhança assustadora com a experiência da loucura.

dos — como o poeta Mallarmé, o pintor Francis Bacon, o pensador místico-erótico Georges Bataille, o próprio escritor Maurice Blanchot, o quase filósofo Pierre Klossowski, ou ainda Nietzsche, ou mesmo Kafka —, em todos eles ressoa um apelo do Fora. O Pensamento do Fora, então, seria aquela experiência que se dá sob o signo do Acaso, da Ruína, da Força ou do Desconhecido, e que sob esse aspecto se situa numa vizinhança assustadora com a experiência que nós fazemos da loucura. Não obstante, essas figuras da desrazão contemporânea citadas acima, embora vizinhas da loucura, não são a loucura. Muito pelo contrário.

A partir daí, todo meu esforço foi no sentido de entender essa vizinhança e essa diferença. E se pudesse resumir em poucas palavras o re-

cionalidade explicativa. O Pensamento do Fora arrisca-se num jogo com a Desrazão do qual ele nunca sai ileso, na medida em que não saem ilesos o Ser, a Identidade, o Sujeito, a Memória, a História e nem mesmo a Obra. Desse jogo visceral, explosivo às vezes, outras apenas sussurante, emergem essas figuras estranhas como o filósofo-transgressor de Bataille, o filósofo-celerado de Sade e Klossowski, o filósofo-louco para cuja virtualidade Michel Foucault chamou nossa atenção, ou, mais amplamente, o pensador do Fora, nome dado por Foucault a Blanchot e a toda essa dinastia maldita que — de Hölderlin a Nietzsche, e mais além, e segundo a expressão consagrada — teria feito ecoar as vozes da desrazão.

Mas no que será que esse jogo com a Desrazão difere, como sa-

o louco acaba subtraindo-se a ele. Exposto de forma tão nua à indeterminação das forças, já lhes fica alheio: impermeável permeabilidade. Aí se conjuga o maior dos encarceramentos ao Fora, e o rebatimento dele sobre o menor dos territórios. Não é à toa que nos loucos coexistem de um modo tão surpreendente um lugar extremamente exíguo (lugar familiar, lugar no imaginário da mãe, lugar social, lugar mítico, circuito de circulação urbana restrito) e a mais desarticulada transversalidade. Espantosa combinação de paralisia e mobilidade, clausura e permeabilidade, imobilismo e aceleração, de estereotipia e, ao mesmo tempo, de uma disponibilidade total a todos os enganches, cósmicos, políticos, sonoros, imagéticos etc., que torna os devires da loucura tão insólitos e encantadores, mas também perigosos e suicidários.

Assim, a oposição que atravessa o meu trabalho é entre o vaivém com o Fora, por um lado, e a adesão surda ao Fora, por outro. No vaivém com a Desrazão que caracteriza o Pensamento do Fora há volúpia e risco. Na adesão surda ao Fora que caracteriza a Loucura, há sobretudo mutismo e impotência. O colapso de Nietzsche em 1889 corresponde precisamente à passagem do pensador do Fora ao personagem social do louco, que o mergulhou no silêncio e na imobilidade. É sempre por um triz que um desarrazoado fica louco ou que um delirante vira um pensador do Fora. Em Artaud, por exemplo, essa fronteira é praticamente invisível. É que em alguns momentos da história essas duas experiências — a da loucura e a da desrazão — coincidiram, e mesmo ainda hoje, às vezes, como se fosse preciso, quase, enlouquecer para poder pensar arriscadamente. Talvez porque nossa cultura, ao engolfar o Fora e enquistá-lo em bolsões administráveis como a loucura e a arte, com a finalidade de conjurar seus perigos, também tenha abrigado, no mesmo gesto, as tentati-

vas de relação com o Fora a passarem por essas duas modalidades. Os poetas loucos não realizam a síntese entre um gênero literário e outro psiquiátrico, mas expressam a desrazão com as máscaras que esse século e outros lhe reservaram: a arte e a loucura. É bem provável que esta seja a razão pela qual há não muito tempo alguns tenham se perguntado se já não era hora de deixar vaziar, de dentro da loucura e

possibilidade de formular essa pergunta já constitui um indício de que esta é, ainda, uma questão em aberto. E se num futuro próximo não for mais na loucura que nossa cultura decidir confinar seu Exterior, e se a Desrazão como tal é já um mero capítulo da história grega ou renascentista, e se o Pensamento do Fora ainda secreta uma incerteza, pelo menos tudo isso ainda é pensável.

Tentei, portanto, fazer um rastreamento de algumas formas que a cultura contemporânea oferece para se relacionar com esse Exterior, com esse Fora, bem diferente das de outros tempos.

da obra de arte, esse Fora do humano, com a esperança de que se pudessem inventar novas formas, já não rituais — como na Antiguidade grega — e quiçá não só literárias — como na modernidade —, de relacionar-se com o Fora.

Mas será que essa idéia um pouco romântica ainda faz sentido? Pois se o louco pouco a pouco vai abandonando os espaços de exclusão e internamento, se a loucura ela mesma pouco a pouco vai deixando de significar o Fora, não será porque já não há para nós um Exterior, como disse Foucault, e que portanto estamos hegelianamente condenados a uma totalização em que teremos atingido, através da incorporação do Outro, o tédio de nossa mesmice?

Seria ir rápido demais. A própria

Mais do que isso. No fundo, talvez seja preciso recusar o pessimismo de Foucault e reinventar a força do Fora, banhando-o em Nietzsche, uma vez mais. E redescobrir com ele não a promessa nostálgica de que apenas o Fora poderia nos salvar, mas a relativização efetiva de nossa metafísica da Presença, da Identidade e do Sujeito, em favor de uma relação com o Fora de onde não estivesse excluído aquilo que precisamente sempre fizemos questão de excluir, por medo e insegurança — a saber, a permeabilidade ao Acaso, à Ruína, à Força e ao Desconhecido. Penso que é possível ir ao encontro disso tudo sem soçobrar na loucura. De todos modos, se há uma aventura possível e desejável para o pensamento hoje em dia, a meu ver ela passa por aí. ■